

PARTIR E FICAR: DINÂMICAS NOS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO NORTE DE MINAS GERAIS - BRASIL.

Araújo, Ana Flávia Rocha de; Araújo, Ana Flávia Rocha de; Paula, Andréa Maria Narciso Rocha de; Silva y Queite Marrone Soares da.

Cita:

Araújo, Ana Flávia Rocha de; Araújo, Ana Flávia Rocha de; Paula, Andréa Maria Narciso Rocha de; Silva y Queite Marrone Soares da (2014). *PARTIR E FICAR: DINÂMICAS NOS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO NORTE DE MINAS GERAIS - BRASIL. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-099/196>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eCvm/tZv>

**PARTIR E FICAR: DINÂMICAS NOS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO E
IMIGRAÇÃO NO NORTE DE MINAS GERAIS – BRASIL**

ARAÚJO, Ana Flávia Rocha de¹

aninha_rochaaraujo@hotmail.com

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de²

andreapirapora@yahoo.com.br

SILVA, Queite Marrone Soares da³

keitymarrone06@yahoo.com.br

RESUMO

A presente proposta parte do princípio de que, o processo migratório é um processo sócio-espacial. Onde os desejos, os objetivos, os medos e esperanças dos que migram se tornam identidades, construções sociais que acabam por acarretar em formas de pertencimento. Lugar é uma forma de interação, seja do homem com o ambiente, ou do homem com um espaço específico. Lugar demanda pertencimento. Pertencimento demanda identidade. A migração tornou-se então uma estratégia, uma resistência, uma eterna possibilidade ou impossibilidade de ficar ou sair. Os deslocamentos acabam por provocar modificações nas relações e interações dos indivíduos nos seus mais diferentes espaços. É neste sentido, que apreender o processo de deslocamento de um indivíduo ou grupo social, é constatar que a migração e imigração é um processo que para além “do estar em espaços sociais diferentes”, é um modo de reprodução social definido nas relações de tempo e espaço, enfatizando a dualidade de se estar em movimento. Portanto, a presente proposta procura enfatizar as dinâmicas do processo migratório e imigratório em seus contextos, bem como, evidenciar as construções sociais advindas destes processos, em seu âmbito social, cultural, político e econômico, caracterizando assim, as diversas identidades dos indivíduos.

ABSTRAT

This proposal assumes that the migration process is a socio-spatial process. Where desires, goals, fears and hopes of migrating become identities, social constructs that ultimately lead to ways of belonging. Place is a form of interaction, whether between man and the environment, or the man with a specific space. Place demand belonging. Belonging demand identity. Migration then became a strategy, a resistance, an eternal possibility or impossibility of staying or leaving. The displacements eventually cause changes in the relationships and interactions of individuals in their most different spaces. In this sense, they grasp the shifting

1 Bacharel em Ciências Sociais. Mestranda em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES/BRASIL. Bolsista Capes.

2 Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES/BRASIL. Bolsista FAPEMIG/CNPq.

3 Bacharel em Ciências Sociais. Mestranda em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES/BRASIL. Bolsista Capes.

process of an individual or social group, it is seen that migration and immigration is a process beyond "of being in different social spaces", is a mode of social reproduction defined in relations of time and space, emphasizing the duality of being in motion. Therefore, this proposal seeks to emphasize the dynamics of migration and immigration process in their contexts, as well as highlight the economic social constructions arising from these proceedings, in its social, cultural, political and, thus characterizing the various identities of individuals.

INTRODUÇÃO

Migrar (...) é viver, em espaços geográficos diferentes (...) é viver como presente e sonhar como ausente. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca.

José de Souza Martins⁴

Compreende-se que o termo migração corresponde à mobilidade espacial da população, seja na troca de país, de Estado, de Região, de Cidade e até mesmo de “lar”, o que concebemos ser o espaço geográfico em que habitamos popularmente denominado *casa*. Contudo, este não é um fenômeno novo, ocorre desde o início da humanidade. A troca de espaços geográficos, de ambientes sociais é o que desencadeia a essência do processo de migrar.

Vivemos tempos e espaços em que a mobilidade de um lugar para o outro ultrapassou as fronteiras do fisicamente. Hoje, devido aos grandes avanços tecnológicos e da presença em massa da internet, podemos estar em qualquer lugar, em qualquer tempo-espaço, e ao mesmo tempo não estar em lugar nenhum. Lugar é uma forma de interação, seja do homem com o ambiente, ou do homem com um espaço específico. Lugar demanda pertencimento. Pertencimento demanda identidade.

Apreender o processo de deslocamento de um indivíduo ou grupo social, é constatar que a migração é um processo que para além “do estar em espaços sociais diferentes”, é um modo de reprodução social definido nas relações de tempo e espaço, enfatizando a dualidade de se estar em movimento.

Sendo assim, o processo migratório é um processo sócio-espacial. Onde os desejos, os objetivos, os medos e esperanças dos que migram se tornam identidades. O fato é que estamos sempre em deslocamento, de algum espaço, para algum tempo, e vice-versa.

O ato de migrar, torna um indivíduo emigrante ou imigrante. Tendo em vista que migrar é o deslocar-se de um espaço para outro, um indivíduo emigrante deixa (sai) seu país de origem para outro país. O imigrante chega (entra) em um determinado país para nele viver;

⁴ MARTINS, José de Souza. Não há terra, para plantar neste verão. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1988 – p.46.

ambos de forma temporária ou não. Neste sentido, os fluxos migratórios podem ser desencadeados por diversos fatores, de ordem econômica, política, social ou cultural.

No Brasil, compreende-se que os fluxos migratórios ocorrem com maior intensidade devido a fatores econômicos; uma vez que o modelo econômico vigente do país força os indivíduos a se deslocarem de um lugar para outro em busca de melhores condições de vida, a fim de suprirem suas necessidades básicas de sobrevivência. De acordo com Paula (2009) a migração tornou-se então uma estratégia, uma resistência, uma eterna possibilidade ou impossibilidade de ficar ou sair.

Segundo dados do IBGE⁵ – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas no Censo de 2010 mais 35,4% da população não residia em seu Município de origem, sendo São Paulo (aproximadamente 8 milhões de pessoas); Rio de Janeiro (aproximadamente 2,1 milhões de pessoas); Paraná (aproximadamente 1,7 milhões de pessoas) e Goiás (aproximadamente 1,6 milhões de pessoas) os Estados que acumularam o maior número de pessoas residentes que não nasceram lá. Contudo, o estado de Minas Gerais (aproximadamente 3,6 milhões de pessoas) foi considerado um dos estados com maior número de população natural que se deslocaram para outras unidades do próprio estado.

Se pararmos para refletir sobre os problemas sociais que vivenciamos, entraremos em paradoxo com nossa própria existência. A racionalidade humana, o fenômeno dos avanços tecnológicos, a falta de compaixão pelo próximo, as transformações do espaço, a degradação do meio ambiente, a competitividade do homem com o homem e muitas vezes do homem consigo mesmo, são ambigüidades que reforçam a idéia de que para além de vivermos um grande paradoxo em nosso século, construímos mais paradoxos para gerações futuras.

Os indicadores sociais, políticos e econômicos, evidenciam a precariedade das condições de subsistência em que vivem a maior parte da população. É evidente, que um dos maiores problemas sociais no Brasil se concentra na má distribuição de renda e na equivocada aplicação das políticas sociais. Em suma, podemos caracterizar que a mobilidade espacial está relacionada à luta pela subsistência. Os indivíduos se deslocam na “esperança” de encontrar melhores oportunidades, seja de emprego, salário, moradia, estudo, de vida.

Segundo Martins (1896:45), migrar “é estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca”. Nessa dicotomia, as migrações do Sertão Nortemineiro continuam rumo às grandes capitais, mas há também uma

5 Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=mg&tema=censodemog2010_desloc Acesso: 29/09/2014.

maior visibilidade das regiões em torno, para a busca de uma melhor reprodução da vida. No entanto, o estar em um lugar não significa pertencer.

Dessa forma, mudam-se os espaços, os tempos, as dinâmicas, os contextos, os personagens, mais ainda continuam ocorrendo as migrações do/no sertão. De certo modo, o processo migratório ocasionou uma multiplicidade de identidades, aonde quem migra continua a reproduzir os modos de vida do seu lugar de origem, mas também passam a representar identidades do seu lugar de destino.

De acordo com Paula (2009:18) “O Norte de Minas Gerais, embora pertença à região mais próspera do País – o Sudeste, é reconhecidamente uma de suas áreas mais pobres, tendo inclusive incentivo do poder público federal, como se do Nordeste fizesse parte”. Na década de 1950, a mobilidade espacial conhecida como êxodo rural consistia no fenômeno da saída do campo para as grandes cidades, em razão do processo de industrialização do campo propiciando a intensa mecanização das atividades agrícolas, expulsando assim os pequenos produtores e viabilizando os fluxos migratórios.

Durante décadas, os principais fluxos migratórios eram direcionados para a região Sudeste, devido ao processo de industrialização desenvolvido naquela região, ou seja, devido às políticas desenvolvimentistas implantadas para aquela região. Neste sentido, os processos de modernização, industrialização e mecanização do campo, propiciou a transferência de grande parte da população rural para as cidades, aumentando significativamente a população urbana e originando uma nova dinâmica social. Deixa de existir trabalhadores rurais no campo e trabalhadores urbanos nas cidades, para a coexistência de trabalhadores rurais nas cidades e trabalhadores urbanos no campo.

Com esta nova dinâmica de compreender a sociedade, surge uma diversidade de problemas sociais que intensificaram ainda mais os fluxos migratórios, como por exemplo: às péssimas condições de trabalho, moradia, saúde, juntamente com a invisibilidade social e à falta de uma identidade cultural. Realidades que acompanham os processos migratórios.

Neste sentido, o presente artigo desenvolvido na disciplina Desenvolvimento em Perspectiva Comparada no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, constitui-se em uma breve análise comparativa acerca das políticas de desenvolvimento propostas para o Norte de Minas Gerais em decorrência de seus resultados nos fluxos migratórios de pescadores artesanais, tendo como base a industrialização das cidades e a modernização da agricultura no período de 2007 a 2014 com a implantação da PNDR – Política Nacional de Desenvolvimento Regional.

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO NORTE DE MINAS

O processo de desenvolvimento do Norte de Minas ocorreu através de dois grandes fatos históricos que constituem a história do nosso país: a criação de gado e a vasta quantidade de terras livres; que posteriormente enaltecera a região, trazendo em sua estrutura povos de várias etnias (indígenas, africanos e europeus), que através de uma mão-de-obra escrava, construíram uma identidade de um povo sertanejo nesta região. (PAULA, 2006).

Paula (2006) aponta em relação às atividades exercidas nesta região que, as bandeiras paulistas e baianas nos séculos XVI e XVII começaram a desbravar a região em busca de riquezas e de posses de terras. Já no século XVIII, originou-se um período de isolamento da região norte-mineira, com a dominação da mineração em detrimento do ciclo da cana de açúcar. “A atividade mineradora foi importante para o Norte de Minas como região de fornecimento de produtos agropecuários para as minas, mas com os contrabandos de ouro e a sonegação de impostos, houve um período de restrição ao comércio da região”. (PAULA, 2006:5).

Com a cultura algodoeira, no século XVIII, a região foi responsável por parcela importante da produção para exportação. (...) Mas, foi o advento da ferrovia, no início do século XX, que permitiu uma grande difusão econômica, principalmente para as cidades localizadas às margens do Rio São Francisco. A ferrovia proporcionou a interação com o restante do país, auxiliando também no povoamento de áreas ainda não ocupadas. (...) A ferrovia beneficiava também a pecuária da região e auxiliava o escoamento da produção. (PAULA, 2006: 4).

O Norte de Minas Gerais foi e ainda é um campo considerado fértil para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao modelo que era proposto pelo Estado. No entanto, foi a partir da década de 1960, que o Estado começou a investir em grandes medidas desenvolvimentistas para o Norte de Minas Gerais, através da criação da SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste e das políticas da CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco; que atingiam o âmbito agroindustrial de reflorestamento e irrigação. (PAULA, 2006).

Tais políticas desenvolvimentistas provocaram a modernização tecnológica na agricultura e na indústria e também aumento de serviços públicos; mas em contrapartida aumentou a concentração de terras – que favoreceu o desenvolvimento da pecuária bovina de corte juntamente com as atividades reflorestadoras – e os pequenos produtores, trabalhadores rurais e camponeses foram expulsos do campo. (PAULA, 2006:15).

O modelo desenvolvimentista proposto pelo Estado acarretava na diminuição da oferta de trabalho rural, em contrapartida a um aumento de empregos temporários. O que

originou incessantes conflitos a cerca de posses de terras, que o próprio Estado interviu através da SUDENE, embora o objetivo fosse superar um desequilíbrio sócio-econômico; “beneficiou os grandes proprietários em detrimento dos trabalhadores rurais. A estrutura fundiária agravou a situação de opressão e ‘escravidão’ dos trabalhadores do campo”. (PAULA, 2006:16).

A partir da década de 1970 com a incrementação da industrialização e a modernização agrícola, houve um crescente aumento na população urbana; intensificando ainda mais a atividade econômica da época, pecuária.

As políticas públicas desenvolvidas pelas agências de Estado foram eficazes em desarticular um modo de organização sócio-econômica e desagregar, mas não apagar, as “diversas culturas constituintes da realidade regional, mas não tiveram a eficácia para conter as diversidades de racionalidades e de modos de vida que fluem pelas margens como liminaridades da identidade regional”. (COSTA, 2008:34).

Ribeiro (1995) ao se referir ao Norte de Minas, enquanto “o Gerais”, adjetivação negativa ou extensão marginal das “Minas”, mostrou o que justificaria a semântica do termo que divide o Estado em dois: as “Minas” e os “Gerais”. Concepção que serviu como forma de descaracterizar toda uma ocupação anterior daquele espaço geográfico por outras sociedades e justificar a penetração civilizada sobre esse “vazio” humano (RIBEIRO, 2005:55). Representação disseminada e reforçada através das narrativas dos cronistas coloniais, que vão de relatos e documentos do bandeirantismo às narrativas dos viajantes estrangeiros, consolidando uma literatura baseada na visão eurocêntrica de inferioridade racial do homem sertanejo como resultado do processo de mestiçagem operado na colonização e interiorizada pela intelectualidade brasileira no século XIX.

Assim historicamente o Norte de Minas Gerais é remetido à margem do processo civilizatório, relegado à sua condição de periferia com toda carga negativa que isso implica, ou seja, a porção pobre de Minas. O que justificou e ainda justifica a intervenção do Estado através de projetos desenvolvimentistas e de colonização para a região.

Com o passar dos “tempos” e o desenvolver das tecnologias, as regiões foram crescendo e as cidades se tornaram grandes pólos industriais com um alto índice populacional. Neste sentido, o processo de migração, não é um fenômeno novo, e está presente em nossa sociedade desde épocas remotas. O fato é que migrar, o deslocar se tornou vivência e construção de uma tentativa de melhoria de vida. O Norte de Minas, assim como outros estados brasileiros, desencadeiam este processo em vários contextos: seja econômico, social ou político. Na maioria das vezes, migrar se torna solução.

O ir e vir, o estar em espaços diferentes, o inovar, vivenciar, territorializar lugares, são processos que acompanham as dinâmicas migratórias. Migrar ou mesmo transmigrar

denota uma regularidade de mudanças dos espaços sociais, a quem são dadas denominações, valores, códigos e permitem uma identificação, uma vivência, um conhecer. Deslocar-se de um lugar para outro, navegar pelas lembranças de tempos passados ou mesmo de tempos presentes, é o que podemos chamar de migração.

Com os intensos processos desenvolvimentistas nas esferas econômicas e mesmo sociais, as migrações começaram a quebrar paradigmas e a tornar-se uma reprodução social concreta de várias populações. Atualmente as migrações podem ser internas ou externas. Temporárias ou permanentes; podendo ser caracterizada em seus resultados de forma positiva ou negativa.

O deslocamento de grandes massas populacionais ou mesmo individuais de pessoas para determinados espaços, é hoje um turbilhão de motivações. As pessoas migram por vários motivos, por vários desejos, independente de caráter político ou econômico; e em determinados contextos podem se tornar um problema social, devido às conseqüências estabelecidas nestes processos efetuados de formas inesperadas, tanto para quem migra como para quem recebe.

De acordo com José de Souza Martins (2002) “as migrações internas não são apenas as problemáticas migrações de campo para cidade” (MARTINS, 2002:141), mas antes as migrações do campo para o campo que assolam grande parte dos estados brasileiros. O desenvolvimento de tecnologias para a agricultura e irrigação são hoje, fatores que contribuem para a saída de camponeses, ribeirinhos, sertanejos, geraizeiros, dentre outras identidades. Contudo, ainda existem as concentrações fundiárias, que reproduzem a pressão migratória, ocasionando um grande contingente de pessoas inadaptadas aos desafios da vida urbana, evidenciando uma forma de migração negativa.

Migrar e não chegar nunca poderia representar um fenômeno na vida nômade de um migrante. Partindo do pressuposto de quem migra, migra para algo ou em busca de algo; reflete de maneira coerente e incisiva a vida daqueles que migram, o porquê migram e para onde migram. Neste sentido, o migrante temporário, ou em outras palavras aquele indivíduo que se desloca de uma determinada região para outra em um período específico de tempo e espaço, ao retornar já não é mais o mesmo; e por ter que sai nas condições que sai modifica também a dinâmica no cotidiano daqueles que ficam a esperar. (MARTINS, 1986).

Quantitativamente, existem cerca de 40 milhões de migrantes no Brasil (pessoas que moram fora do lugar que nasceram). De acordo com dados qualitativos (depoimentos, jornais, etc.) é possível identificar vários tipos de migrantes, sendo os mais comuns: Os trabalhadores rurais que migram temporariamente em busca de trabalho nas indústrias e construções; os indígenas que migram para as cidades em busca de sobrevivência e em busca

de trabalho; trabalhadores rurais que migram para outras zonas rurais em busca de trabalho; trabalhadores assalariados, que em geral são expropriados das terras ou despejados das fazendas; camponeses e, sobretudo filhos de camponeses; trabalhadores rurais e urbanos que são levados como peões assalariados para trabalhar nas construções de estradas e usinas hidrelétricas; camponeses que trabalham como garimpeiros de ouro, dentre outros. (MARTINS, 1986).

O interessante desta relação que na maioria dos casos ou em todos os casos na descrição, as migrações ocorrem pelo trabalho e em busca do trabalho. O que gera a caracterização de outra modalidade de migrações temporárias: de um lado as migrações cíclicas, com seu tempo certo de saída e retorno e ritmo bem definido; a migração regulada pelo calendário agrícola de lavoura e as migrações irregulares regidas pelas grandes obras públicas. Nas palavras do autor: *migrações cíclicas e migrações não-cíclicas* (MARTINS, 1986:49).

“Em termos demográficos, a duração – *o temporário* – é essencial para os estudos das migrações temporárias, em termos sociológicos o essencial é a concepção de *ausência*”. Se por um lado a ausência é o núcleo da consciência dos migrantes, por outro lado pode-se falar em uma cultura da ausência que permeia os grandes centros metropolitanos, como é o caso da cidade de São Paulo.

“As situações mais significativas de migração temporária que podem ser encontradas no Brasil mostram que a migração temporária é, contraditoriamente, um modo de desatar os laços familiares, e ao mesmo tempo, um modo de atar o desenvolvimento do capital” (MARTINS, 1986:50).

Dessa forma, nos processos migratórios que integram as diferentes camadas da sociedade e as diferentes regiões do país, há uma dinâmica migratória constante e específica em cada lugar. No Agreste, por exemplo, o ciclo da agricultura familiar é o que rege as migrações; no Vale do Jequitinhonha a terra para a lavoura é preparada em Setembro e Outubro, o inverso da cidade de São Paulo; o que permite perceber que o movimento incluso da sua transição faz com que cada momento da migração tenha que recuperar os respectivos padrões de sociabilidade.

Portanto, José de Souza Martins afirma que,

A migração será definitiva quando a festa também migrar. Quando o reencontro desses dois momentos se der no mesmo espaço e a festa, camponesa, anual, do padroeiro, sair do seu ciclo cósmico e entrar no ciclo linear do descanso semanal remunerado, do cinema, do futebol. (MARTINS, 1986: 61).

Quase toda a compreensão que norteiam as migrações, envolve em seu arcabouço “*os que se foram e os que ficaram*” como reprodução social dos espaços estabelecidos e

conquistados, principalmente espaços familiares. Assim, as relações deixam de ser *local-local*, para serem *local-global*, como cita Milton Santos (1997) em suas concepções sobre a *Natureza do espaço*.

O espaço-lugar neste contexto atua como gerenciador das relações e das territorialidades construídas devido aos processos de migração. Para tanto, a cidade se torna o lugar de mobilidade e conseqüentemente de encontros, possibilitando sempre um grande fluxo de pessoas, entre suas *idas e vindas*.

A partir dessa lógica de compreensão de espaço e lugar, pode-se apreender que os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o Mundo e o Indivíduo, o que enfatiza a “magia” presente na dialética das relações entre globalização e localização, globalização e fragmentação. O que avança na necessidade de revisitar o lugar no mundo atual e encontrar os seus possíveis novos significados, adquiridos numa territorialidade do espaço-lugar. (SANTOS, 1997).

Em “Atividade Racional, Atividade Simbólica e Espaço”, Santos (1997) coloca que “Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam.” (SANTOS, 1997:315). Para isso o autor destaca que é na ação das relações intersubjetivas que se constroem e refazem os valores, através de um processo incessante de interação contínua. Desse modo, Milton Santos (1997) chega a um paradoxo em que há uma necessidade de definição entre informação e comunicação, o que há uma grande distinção. Segundo o autor, comunicar etimologicamente significa pôr em comum. E só através da experiência comunicacional que há um restabelecimento dos laços sociais e uma sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais que partilham de uma mesma experiência. Enquanto a informação está ligada a apenas à transmissão sem criação ou sustentação de laços sociais.

Até mesmo o papel da vizinhança na produção da consciência; demonstra bases de “densidade social” produzida pela fermentação dos homens em um mesmo espaço fechado, gerando uma visão global e holista do mundo e dos homens. (SANTOS, 1997).

Para Milton Santos (1997), as atuais cidades, são hoje lugares, com a sua gama infinita de situações; onde a mobilidade é um fator recorrente, bem como, as novas gerações de relação interpessoal que passam a co-existir num mesmo plano. O que difere da localidade e globalidade, que de um lado são opostas e por outro se confundem em suas especificidades.

“O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa,

pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (SANTOS, 1997: 322).

Nesse contexto, a cidade, sobretudo a grande graças à sua configuração geográfica, surge como uma diversidade socioespacial.

“Palco da atividade de todos os capitais e de todos os trabalhos ela pode atrair e acolher as multidões de pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços. E a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial [...]” (SANTOS, 1997:323).

Para Santos (1997), existem duas situações tipo em todas as grandes cidades: há de um lado, uma economia explicitamente globalizada produzida de *cima*, e um setor produzido de *baixo*, incluindo os setores desprivilegiados da sociedade. O autor destaca que “As classes médias amolecidas deixam absorver-se pela cultura de massa e dela retiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida. Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção, mesmo porque não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram essa cultura de massa. É por isso que as cidades, crescentemente inegalitárias, tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atiram, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim” (SANTOS, 1997: 327).

Nos dias atuais, a mobilidade se tornou uma vivência, uma regra. Hoje, os homens mudam de lugares como turistas ou imigrantes, preservando sempre o deslocamento local e global; o que faz referência a desterritorialização de um determinado espaço, ou em outras palavras, uma desculturação. Pois o vir para a cidade grande é, certamente, deixar e receber uma cultura, caracterizando o processo descrito à cima.

Dessa forma, pode-se apreender que o homem vive numa incessante busca para reaprender o que lhe foi ensinado, e pouco a pouco vai substituindo um novo conhecimento, ainda que pragmático.

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. (SANTOS, 1997:328).

O *ir* para cidade grande tornou-se um hibridismo cultural, devido à mistura de outras culturas, de outros códigos e linguagens. Contudo, as referências familiares, a cultura herdada permanece intacta através das reproduções cotidianas ou mesmo através das lembranças vivas na memória. O passado surge como condição de realização do evento

(migração) numa dinâmica do próprio presente, transformando a consciência *no lugar* por uma consciência *do lugar*. Neste sentido, “o presente não é um resultado, uma decorrência do passado, do mesmo modo que o futuro não pode ser uma decorrência do presente, mesmo se este é uma ‘eterna novidade’”. (SANTOS, 1997:330).

A MIGRAÇÃO

O sertão nordestino pode ser compreendido como uma multiplicidade de sentidos que ultrapassam as barreiras materiais, para uma visão de cultura, de povos, de natureza e de ambiente. Torna-se base de universos que se complementam através dos saberes e das práticas vivenciadas. Sendo assim, o espaço geográfico do sertão determina quem é o ser social que o habita e que se caracteriza como sertanejo.

Através deste espaço social, que se originam as identidades sociais. Tendo em vista, que vivemos em uma sociedade construída por seus papéis sociais, a identidade se torna desencadeadora das diversas personalidades nela presentes. Ser migrante, para esta concepção, categoria e identidade social, descreve o quão norteador pode ser uma caracterização, uma identidade.

Existem concepções que descrevem a existência de uma gama de identidades; e que um único indivíduo pode ser para além de uma única identidade específica. No caso do Norte de Minas, essa fragmentação ou essa complexidade de construções do “eu” individual, evidenciam a forte concepção de pertencimento com o lugar. Se identificarmos um indivíduo a critério de exemplificarmos as referidas formas de pensamento; podemos descrevê-lo da seguinte forma: brasileiro, norte mineiro, sertanejo, geraizeiro, dentre outros. O interessante desta forma de pensar, é que dificilmente encontramos num discurso a categorização, migrante. Acreditamos, que na maioria das vezes, migrar esta relacionado a um processo, um fenômeno, distante de ser uma identidade.

Sendo assim, o espaço como forma de linguagem é a percepção daquele que o habita na projeção de seus usos. O habitante, por conseguinte, é estabelecido como aquele agente que transforma e que é transformado. É nesta perspectiva de mudanças, de transformações, que o sertanejo se desprende de seus laços, para estabelecer outras relações dentro dos processos de migração.

Lugar Sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinzéguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado doarrocho de autoridade. (ROSA, 2001, p. 24).

João Guimarães Rosa (2001) ao caracterizar o sertão como lugar de fechos nos faz compreender a percepção do espaço como uma subjetividade existente naqueles que o habitam, assim como, a fidelidade de cada olhar ao encarar essa dada realidade. Sabe-se que o sertão é construído todos os dias por diversos agentes sociais, configurando-se assim, em lugar de aspectos humanos, sociais e ecológicos.

Andando pelos sertões tornou-se vivência de grande parte dos sertanejos que buscam uma melhoria de vida através da migração. Cada vez mais, o fluxo de pessoas que saem de seus espaços e lugares para a produção direta dos meios de vida aumenta com o desenvolvimento das tecnologias agrícolas.

Segundo José de Souza Martins (1986) a migração temporária é mais do que trânsito de uma localidade a outra e até, mais do que trânsito de uma situação a outra. As migrações temporárias do campo para a cidade se caracterizam e obedecem principalmente um calendário agrícola ritmado pela natureza, onde é marcado seu tempo do campo e da cidade, onde quando termina o ciclo agrícola da lavoura, começa o ciclo da cidade onde é reproduzido e recriado seus meios sobrevivência como camponês, estabelecendo um ir e vir, uma mobilidade constante. É aí que o migrante passa por um verdadeiro dilema em sua vida, pois ainda segundo José de Souza Martins (1986) o migrante temporário, ao retornar, já não é mais o mesmo; e, por ter que sair, nas condições em que sai, modifica as relações sociais do seu grupo de origem, altera a organização da família, a divisão do trabalho familiar, o lugar de cada um. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. “Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro, procurando ser o mesmo. Já não pode ver o mundo da mesma maneira que o via antes”.

Na dinâmica da migração, os que ficam sofrem pela ausência e acabam por criar novas reproduções que condizem com o trabalho que era efetuado por quem migrou. Ressaltando que apesar de ausentes, estes sujeitos ainda possuem um quarto na casa, um lugar à mesa, de um jeito ou de outro vivo na rotina da família e nas lembranças do cotidiano.

A memória é o elo que une o migrante e a família. É através dela que o migrante cria forças para continuar longe de casa, e que a família utiliza para estar sempre presente na vida de *quem foi*. Contudo, as migrações nem sempre são vistas pelo lado negativo. Existem aquelas migrações que podem ser caracterizadas como positivas e que auxiliam os migrantes em seu crescimento pessoal, como é o caso dos estudantes que saem de suas cidades, em busca de estudo, de conhecimento. Apesar de na maioria dos casos, estes saírem porque não

possui outra solução em suas cidades, esta migração ainda assim é vista como positiva, pois possibilita uma troca entre as partes.

No caso das migrações negativas, estas ocorrem por uma dispersão de determinado povo, por uma expulsão de território ou mesmo pela procura de condições necessárias que dêem subsídio para a vivência cotidiana.

Neste caso as migrações negativas do Norte de Minas se caracterizam pela maioria das vezes pela expulsão de muitas populações e povos tradicionais por políticas governamentais conservacionistas como a criação de parques e reservas e também ocasionadas por grandes empreendimentos industriais, essas populações são obrigadas e forçadas a deixarem suas terras e migrarem para outras regiões.

Nesse “ir para outro lugar” muitos resistem, pois essas populações têm fortes ligações com suas origens, sua terra e seu lugar, seus antepassados, suas tradições e principalmente com seus conhecimentos, é nesta resistência que muitos povos e comunidades tradicionais valorizam seus conhecimentos, suas memórias e seus modos de vida e como isso é preservado até hoje e com toda a preocupação de estar passando para as futuras gerações esses mesmos conhecimentos. Mas mesmo migrando ainda que forçadamente para outro ou até outros lugares, o norte-mineiro nunca perde sua essência de ser sertanejo, de preservar sua memória e seus conhecimentos, é o que lhe caracteriza como sua identidade e seu jeito de ser e viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, como vimos às migrações e as imigrações podem se estabelecer em seus mais variados aspectos. Falamos neste trabalho em memória, fronteira, identidade, mobilidade social e espaço. Nesse contexto, apreendemos que as migrações podem ser definidas em forçadas, temporárias, positivas ou negativas, sendo em sua maioria migrações internas, do campo para a cidade, não sendo uma exclusividade.

Sendo assim, entendemos que a migração se dá para além do *ir e vir*. São contextos, situações e aspectos variados que fazem uma pessoa migrar. Ao migrar do campo para a cidade, o camponês deixa para trás uma vida inteira com sua família “*para tentar a vida na cidade grande*”. Ao fazerem isto, os processos da migração se renovam, podendo passar de geração para geração, como uma verdadeira prática a ser seguida.

Por outro lado, as migrações podem ser ocasionadas como positivas, que são os casos de estudantes que se deslocam para estudar e adquirir um diploma, que é em sua essencialidade para se adentrar no mercado de trabalho (capitalismo). Viver entre fronteiras,

entre tempos e espaços diferentes; entre o novo e o velho, o bom e o ruim, entre ser e não ser é normal. Pois como diz José de Souza Martins (2002) Migrar é normal.

REFERÊNCIAS

COSTA, João Batista de Almeida. *Tomando alho por bugalhos: O decantado desenvolvimento do Norte de Minas*. Unimontes Científica – Revista da Universidade Estadual de Montes Claros; v.7 , nº2, (Julho/Dezembro de 2005). Montes Claros; 2005.

MARTINS, José de Souza (1986). *O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil*. In: Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis/RJ: Vozes.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap3 e 4. “O problema das migrações e da exclusão social no limiar do terceiro milênio”. Pg. 119 a 137. Cap. 4 “A vida entre parênteses – Migrações internas no mundo contemporâneo” – Pg. 139 – 150.

MARTINS, José de Souza. *Não há terra, para plantar neste verão*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1988. P-46.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A região mineira do Nordeste – Grande Sertão*: Trabalho apresentado no XVIII Nacional de Geografia Agrária – Rio de Janeiro – 06 a 09 de Novembro de 2006.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. *Travessias – Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas*. Tese de doutorado. UFU, 2009.

PAULA, Andréa Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; CLEPS JUNIOR, João. *Pesquisa de campo e em campo, os saberes das histórias de vida em comunidades rurais no sertão de Minas Gerais/Brasil*. In: VII Congresso latino americano de sociologia rural-Asociacion latinoamericiana de sociologia rural, Quito: Eguador, 2006, anais.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. Companhia das letras. São Paulo – Segunda Edição; 1995.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997. Cap 14 – Lugar e Cotidiano. Pg. 313 – 330.

_____. http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=mg&tema=censodemog2010_desloc
Acesso em: 29/09/2014.

_____. <http://www.sudene.gov.br/desenvolvimento-sustentavel> Acesso em: 29/09/2014.